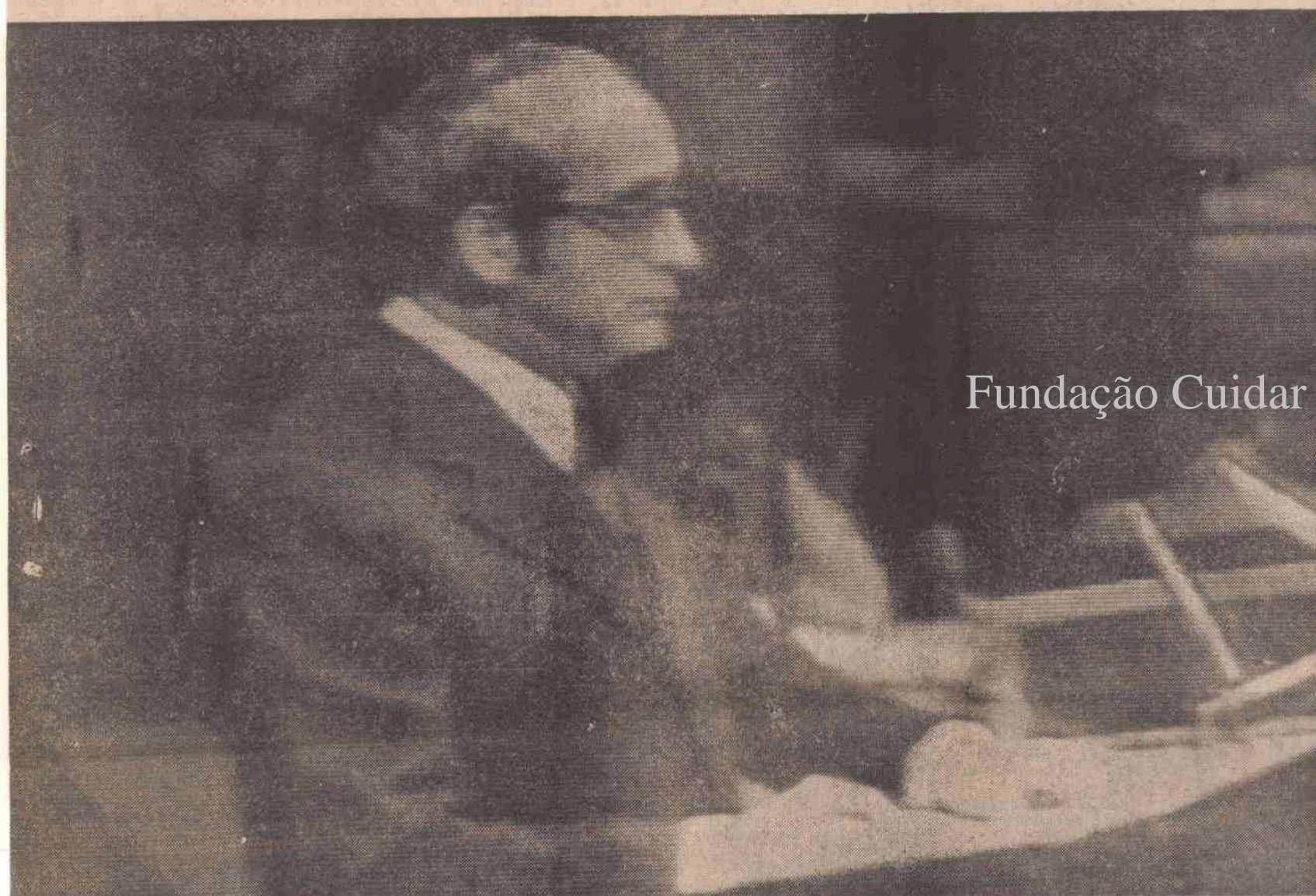


DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	18.007.1974
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

COSTA GOMES LEVOU O «25 DE ABRIL» À O.N.U.



Fundação Cuidar o Futuro

PORTUGAL SENTE-SE NO DIREITO À SOLIDARIEDADE E AUXÍLIO DA SOCIEDADE INTERNACIONAL EM QUE SE INTEGROU

O Presidente da República Portuguesa declarou ontem, na Assembleia Geral das Nações Unidas, que o nosso país está empenhado em criar uma atmosfera de tolerância política baseada num sistema pluripartidário. O primeiro Chefe de Estado português que jamais se apresentou nas Nações Unidas salientou, no seu discurso, que a atmosfera de paz e de ordem que reina no País desmente as conclusões apressadas de carácter alarmista apoiadas em perturbações sociais sem importância, que, aliás, foram sanadas pelo Governo Provisório. O general Costa

Gomes salientou que a comunidade internacional não tem motivos para continuar a lançar anátemas sobre Portugal e a marcá-lo com o estigma da suspeita ou da aceitação condicional. Portugal sente-se, pois, com direito à solidariedade e à assistência da comunidade internacional na qual tomou o seu lugar. Na gravura ao lado, o Presidente da República proferindo o seu discurso; em baixo, o general Costa Gomes conversando com Kurt Waldheim, durante o jantar oferecido pelo secretário-geral da O.N.U.

Página 7

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

PERNOITA HOJE NA CASA BRANCA

TELEX DE SILVA TAVARES

NAÇÕES UNIDAS, 17 — À meio da manhã, no Waldorf Astoria, onde está instalada a comitiva oficial portuguesa, nesta primeira deslocação às Nações Unidas dum chefe de Estado de Portugal, fomos informados, num «briefing» informal, que a recepção tinha decorrido bem protocolarmente. Pouco antes do meio-dia, e já no movimentadíssimo «press room» situado no terceiro andar da sede da O.N.U. — um dos tais «areópagos internacionais» muito verberados pela propaganda fascista — somos alertados para uma alteração de última hora no discurso que, de seguida, o general Costa Gomes iria pronunciar na sala da Assembleia Geral. Com natural expectativa, e com alguma emoção, ouvimos a serena dissertação do Presidente da República Portuguesa — oito folhas policopiadas para quinze minutos de presença na tribuna de honra.

CONTINUA NA PÁGINA 7



DIÁRIO DE NOTÍCIAS	COMÉRCIO DO PORTO	18.001.1974
SECULO	DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO	DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO	CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS	REPÚBLICA	

COSTA GOMES LEVOU O «25 DE ABRIL» À ONU

Não mais resta o direito à sociedade internacional para anatematizar Portugal com o ferrete da suspeição ou da consideração condicionada

NAÇÕES UNIDAS, 17 — O Presidente Costa Gomes foi ovacionado de pé, prolongadamente, ao ser conduzido à tribuna da Assembleia Geral das Nações Unidas, em cuja vasta sala estavam representados praticamente todos os estados membros da organização internacional, na maioria pelos chefes das suas delegações.

Num discurso de 20 minutos, o Chefe de Estado português — o primeiro de sempre que se apresenta nas Nações Unidas — declarou que o seu Governo está empenhado numa política de democratização interna e de descolonização dos territórios ainda sob administração portuguesa.

A agenda da Assembleia para hoje era totalmente preenchida com o discurso do Presidente português.

Dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, a China foi o único que não se fez representar pelo chefe da sua delegação, enviando em seu lugar alguns diplomatas subalternos. Além de John Scafe, pelos Estados Unidos, Jacob Malik, pela União Soviética, Ivor Richard, pela Inglaterra e Louis de Guiringaud, pela França, estavam presentes outros, o novo delegado permanente da África do Sul, Roelof Botha, cujo país partilhava, no passado, com Portugal a posição incomoda de alvo principal dos ataques da O.N.U.

O Presidente Costa Gomes seguiu, hoje, para Washington, onde conferenciará com o Presidente Ford, antes de regressar a Lisboa.

O embaixador da Guiné-Bissau, a antiga colónia portuguesa que há um mês apenas ingressou na O.N.U. como membro de pleno direito, destacava-se entre os auditores mais atentos do discurso.

Afastando-se do texto preparado de antemão, o general Costa Gomes exprimiu a gratidão do seu país pelos estados africanos que estabeleceram relações diplomáticas com Portugal, como prova de confiança e honestidade e sinceridade do nosso processo de descolonização.

O fim do discurso foi saudado com uma ovação de dois minutos. Momentos depois, o Presidente voltou a ser ovacionado, de pé, por toda a assistência quando saiu da sala, acompanhado pelo secretário-geral, Kurt Waldheim, e pelo presidente da Assembleia, Abdelaziz Bouteflika, ministro dos Negócios Estrangeiros da Argélia.

Foram as seguintes as palavras proferidas pelo general Costa Gomes:

DISCURSO FEITO EM PORTUGUÊS — LÍNGUA DE 130 MILHÕES

curado garantir um clima mundial de tolerância, de paz, de segurança e de justiça.

Todos os homens de talento e de génio que nesta Organização têm sabido colocar os ideais do bem e da equidade universal acima dos interesses nacionais ou regionais são marcos na rota ascensional da dignidade humana.

Sou o primeiro Chefe de Estado de Portugal que tem o privilégio de se dirigir à opinião pública mundial beneficiando da vantagem de o fazer aqui e perante V. Ex.ª.

SALDO HISTÓRICO POSITIVO

O meu País tem uma história longa de mais de oito séculos e não nos será difícil perder a memória do último meio século orientado por homens que não souberam sintonizar os seus ideais com a alma colectiva do povo a que pertencem.

Nas histórias de todos os povos há relâmpagos de inspiração que lançam as suas forças vivas no caminho mais nobre e mais eficaz e há golpes de coragem política que alienam a vontade popular e lançam as pátrias em caminhos obscuros e estéreis.

Os espíritos superiores são aqueles que pairam acima dos acontecimentos historicamente fugazes e conseguem a visão global e sintética que cria uma perspectiva crítica e justa da vida dum país.

Não sou optimista ao atribuir ao povo português

PRINCIPAIS OBJECTIVOS REVOLUCIONARIOS

Senhor presidente: Sou o Chefe de Estado dum país que, depois de humilhado por meio século de ditadura, soube iniciar, na longa noite de 25 de Abril, uma revolução sem sangue que outros classificaram de mais pura do século.

Estamos perfeitamente determinados a salvaguardar a pureza dos principais objectivos revolucionários:

— Devolver ao povo português a dignidade perdida, implantando condições de vida mais justas com instituições democráticas pluralistas legitimadas na vontade do povo livremente expressa.

— Iniciar o processo irreversível e definitivo de

ral de tranquilo labor e de ordem social não justificam generalizações alarmistas a partir de pequenas perturbações sociais que o Governo Provisório sempre sanou e ultrapassou.

Nestas condições estou à vontade para afirmar solenemente que o Governo Português tem intenção e capacidade para cumprir, na letra e no espírito, a Carta das Nações Unidas e todos os compromissos internacionais, políticos, comerciais ou financeiros a que se encontra vinculado.

No plano interno, manteremos um processo democratizante onde, com um mínimo de sofrimento, vamos desintoxicar os espíritos de meio século de propaganda de extrema-direita; construiremos um ambiente de tolerância política multipartidária; iniciaremos a politização do nosso Povo e dar-lhe-emos as condições para a livre escolha do regime pluralista em que deseje viver.

No processo de descolonização manter-nos-emos fiéis aos princípios do direito internacional da autodeterminação e independência; na aplicação concreta dos princípios teremos a flexibilidade de espírito suficiente para salvaguardar os interesses dos povos a descolonizar; seremos tão dinâmicos quanto o exige a impaciência de quem toma uma tarefa com muitos anos de atraso e tão pacientes quanto indispensável à felicidade de povos que sofreram na carne as consequências da anterior situação política portuguesa. Sabemos evitar figurinos estereotipados e procurar para cada território a solução mais adequada à garantia da génese feliz de uma pátria.

NÃO MAIS O DIREITO DE ANATEMATIZAR PORTUGAL

No plano das relações internacionais, procuraremos intensificar as relações económicas e políticas com todos os países amigos tradicionais e com todos os povos do Mundo.

Aproveitaremos as relações históricas com outros povos para desenvolver aceleradamente justas situações de interesse mútuo, incluindo os países existentes de expressão portuguesa, as novas nações irmãs em formação pelo processo de descolonização em curso, e não esquecendo os estados árabes e outros, cujas raízes históricas se cruzam com as nossas ao longo dos séculos.

As origens culturais latinas facilitar-nos-ão o reforço da solidariedade com todos os países latinos da Europa e da América.

O estágio do nosso desenvolvimento, a nossa situação geográfica, o sentimentalismo e anti-racismo congénito do nosso povo

TELEX DE SILVA TAVARES

Continuado da 1.ª página

Ao contrário das previsões da maioria das delegações africanas, Costa Gomes não abordou no pormenor e problema da descolonização, sobre o qual apenas lançou uma palavra de fidelidade aos princípios do Direito Internacional. Palavra suficientemente ampla para deixar campo livre às soluções que as realidades melhor aconselharem. Curiosamente, e vai atrás acrescentado ao texto original, era precisamente um estado dos povos de África que resolveram estabelecer relações diplomáticas com o nosso País.

Mas se essa perspectiva continua em suspense, no que respeita à unidade de determinados sectores do Terceiro Mundo, não é menos verdade que os efusivos aplausos que se ouviram na vasta sala praticamente cheia, foram interpretados como sinal de alguma coisa muito mais importante.

De facto, e embora, de um modo geral, o presidente Costa Gomes tenha feito uma análise mais apressada dos pontos já locutados, no mesmo local, em Setembro último, pelo ministro Mário Soares, deverá ter-se em conta a «nova» situação política portuguesa, advinda do 25 de Setembro. Nesse aspecto, a opinião pública mundial atomizou-se, não sem esconder certos receios instalados nos meios ocidentais e outros da economia capitalista. Não é por acaso que, em rápidos contactos, um jornalista suíço, secundado por um brasileiro, apresenta uma versão diversificada da de um representante da Tasa, quanto ao discurso em português

importantes dificuldades económicas e financeiras que melhor serão vencidas se os países democráticos do Mundo se dispuserem a uma solidariedade material e moral, rápida, fraterna e justa no seu preço financeiro e político. Esperamos deles essa atitude amiga.

Ao nível das preocupações internacionais, Portugal manifesta o seu profundo desejo de ver as grandes potências mais dinâmicas no caminho do desarmamento mundial e que os enormes recursos que ficariam disponíveis sejam canalizados para os países mais desfavorecidos, onde em cada homem a luta pela sobrevivência é um drama que lhe nega o direito à cultura e ao progresso espiritual.

No seu instinto de intercontinental humanismo o Povo português considera-se irmão de todos os povos oprimidos e declara a disposição de contribuir para todas as iniciativas que visem debelar a fome no Mundo, melhor distribuir as riquezas e salvaguardar os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem.



O ministro argelino dos Negócios Estrangeiros, Bouteflika, presidindo à histórica sessão. A sua direita, o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim.

MAIS UM DIA MAIOR DA HUMANIDADE

Senhor presidente: Dentro de dias, a Organização das Nações Uni-

das celebrará o seu 29.º aniversário.

A voz dos mais fracos teve aqui uma tribuna, quando a lei da força se sobrepôs à força da lei.

A voz dos oprimidos aqui lamentou a ignominia dos opressores.

O clamor dos pobres aqui feriu a consciência dos que esbanjam em superfluos o excesso de recursos disponíveis.

Adversários exaltados aqui descomprimaram em palavras as pseudo-razões que a opinião pública reduziu a dimensões razoáveis.

Quantas canseiras e esforços desta Organização têm sido estereis quando os orgulhos egoístas calaram a voz da justiça e da razão.

Mas em larga contrapartida, quantos fracos sentiram apoio, quantos oprimidos foram libertos, quantos

pobres foram amparados, quantos exaltados sentiram o ridículo das suas posições apaixonadas.

O 29.º aniversário abre no capítulo de uma Organização que seguramente consolida a mais transcendente instituição que o espírito humano soube criar.

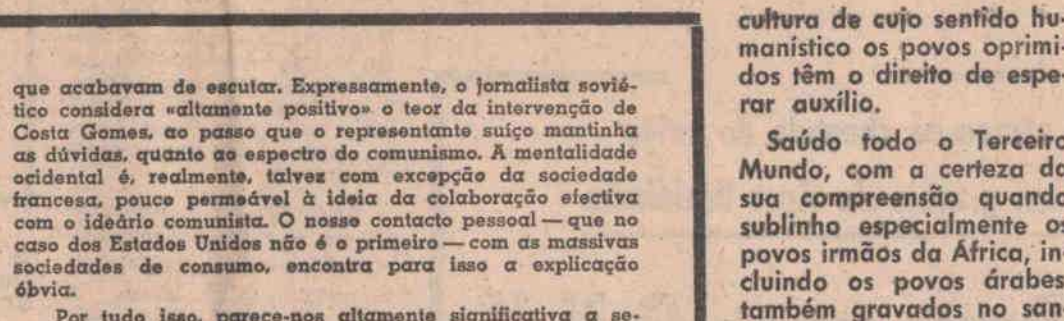
A todos os que directa ou indirectamente contribuíram para a génese e funcionamento da ONU, a nossa gratidão por nos haverem oferecido mais um dia maior da Humanidade.

Vou terminar dentro de momentos porque de nós o Mundo espera muitos esforços concretos e pouca retórica.

Saúdo os países tradicionalmente amigos nas boas e más horas do meu País.

Saúdo os países de expressão lusitana, actuais e potenciais, dos quais a Humanidade espera o fortalecimento de laços comunitários fraternos e de mútuo respeito.

Saúdo todos os povos latinos, países irmãos numa



perdurará, para o nosso País, como a mais histórica que o Chefe de Estado proferiu na que Mário Soares e Veiga Simão escutam o diário das sessões da Assembleia Geral da ONU

cultura de cujo sentido humanístico os povos oprimidos têm o direito de esperar auxílio.

Saúdo todo o Terceiro Mundo, com a certeza da sua compreensão quando sublinha especialmente os povos irmãos da África, incluindo os povos árabes, também gravados no sangue e na alma do Povo a que pertencem.

Saúdo os povos africanos que, depositando inteira confiança na honestidade e sinceridade do nosso processo de descolonização, estabeleceram connosco relações diplomáticas e de amizade que muito nos sensibilizaram.

Termino saudando todos os homens bons cujas preocupações se focalizam em construir uma Humanidade melhor, mais pacífica, mais segura, mais fraterna, mais progressista.

Que cada nova geração tenha uma vida mais digna de ser vivida.

Muito obrigado, senhor presidente.

Através da TV

Saudação aos emigrantes portugueses

Texto de uma entrevista concedida, à sua chegada a Nova Iorque, pelo general Costa Gomes à TV «Hora Portuguesa».

A TV «Hora Portuguesa» apresentou ao Presidente da República de Portugal as boas-vindas e pediu uma declaração para os emigrantes portugueses residentes no Estado de New Jersey e em geral, para os Estados Unidos.

O general Costa Gomes afirmou:

«É com a maior satisfação que eu saúdo todos os portugueses e luso-americanos que se encontram espalhados por esta grande continente americano e por esta grande nação democrática, onde tenho ocasião de ver que têm contribuído com o seu labor, com o seu trabalho, com o seu comportamento, para o engrandecimento desta portentosa nação.

«Foi com muita satisfação e prazer que eu constatei que o trabalho dos portugueses que aqui se encontram, desde aqueles que estão na Nova Inglaterra até aos da Califórnia, todos eles timbrados por aquelas qualidades que caracterizam o povo português, de doçura, de humanidade e de convívio muito fraterno.

«A todos saúdo vivamente desejando-lhes uma continuação feliz nesta hospitaleira terra onde se fixaram.»

Ler, na página seguinte, mais noticiário da viagem presidencial a os Estados Unidos

HÓSPEDE DA CASA BRANCA

Segundo uma comunicação recebida, pelo telefone, directamente de Nova Iorque, na Direcção-Geral da Informação, soube-se que o Presidente Costa Gomes, na sua visita a Washington, não ficará instalado num hotel, como estava previsto, mas na própria Casa Branca, residência oficial do presidente dos Estados Unidos.

Este gesto amável do presidente Gerald Ford reveste-se de grande significado, sendo interpretado nos meios políticos como uma atitude de simpatia do Governo americano para com Portugal.